

O LAZER CRIATIVO NA PEDAGOGIA SALESIANA COMO ESPAÇO EMANCIPATÓRIO

Elder Henrique Silva Rodrigues de Melo¹

RESUMO

Este texto vem esboçar de forma reflexiva o *lazer criativo na pedagogia salesiana como espaço emancipatório*, à luz do sistema preventivo de *Dom Bosco* e da teoria crítica *benjaminiana*. Ao invés do termo “*recreação*”, propus aqui: “*Lazer criativo*” que pelas fontes pesquisadas vem a ser pertinente a uma Escola Salesiana que tem disponível toda uma infra-estrutura física e humana (ambiente educativo) capaz de formar as subjetividades das crianças através da ludicidade espontânea e criativa, que brota da vida e do campo imaginário de cada uma delas. Este vem a ser, um trabalho significativo, brotado das experiências e vivências diárias que me “*acordaram*” e me fizeram abrir os olhos, para o que muitas vezes não me foi perceptível e que somente as crianças são capazes de enxergar e trazer a tona para o mundo dos “*mortos*”. O jogo e a brincadeira passam a ser foco no meu artigo como uma expressão de liberdade, um convite à amizade, à valorização da pessoa. Tanto a poesia quanto o brinquedo tornam-se manifestações da utopia de um mundo melhor a ser construído. Finalizo querendo deixar esta reflexão, levando-nos a “*reconhecer*” a escola como um centro de cultura popular – percebendo que seja necessário uma “*dessacralização*” do que entendemos hoje por escola.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, Jogo, Escola, Criança

ABSTRACT

This text is outlined in the reflexive creative leisure space as the Salesian emancipatory pedagogy in light of the preventive system of Don Bosco and critical theory benjaminiana. Instead of “*recreation*”, proposed here: “*Leisure creative*” that the source has to be researched relevant to a Salesian School which is available across a physical infrastructure and human (environmental education) capable of forming the subjectivities of children through playful of spontaneous and creative, which springs from the field of life and imagination of each one.

This has to be, a significant work, baby daily experiences and the experiences that I “*agreed*” and made me open my eyes to what I was often not perceived and that only children are able to see and bring to the surface the world of “*dead*”. The game play and become the focus in my article as an expression of freedom, an invitation to friendship, to promote human dignity. Both the poetry as the toy become manifestations of the utopia of a better world to be built. Wanting to leave this debate ends, leading us to “*recognize*” the school as a center of popular culture - that is necessary to realizing a “*dessacralização*” we mean today by the school.

KEYWORDS: Entertainment, Game, School, Child

*Para que a escola possa contribuir para recuperar e conviver com o lúdico, é necessário, antes de tudo, que se saiba quem se está educando...
É preciso considerar que não existe uma criança, mas várias crianças.
...e as crianças habitam um mundo autônomo.²*

¹ Graduado em Licenciatura plena em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí – FAERPI. Especialista em Ciências da Religião pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC.

² Marcelino, Nelson Carvalho. Pedagogia da Animação.

O mundo hoje está sendo invadido por necessidades que favorecem o isolamento, o individualismo e o encapsulamento, anestesiando as mentes das crianças, impedindo a possibilidade de diferenciação e distanciamento crítico das coisas. Encontram-se nas escolas, certos educadores, que reproduzem com a sua prática, o que assimilaram de velhas teorias educacionais, tratando as nossas crianças como Adultos, castrando assim “*Humanos em formação*”, proibindo-as de serem livres, autônomas, felizes e sonhadoras.

Este estudo foi realizado com um olhar fenomenológico a respeito da infância, do papel do educador e do lazer no espaço educativo, especialmente no pátio e nos momentos recreativos de uma escola rural em que as crianças passam o dia em tempo integral situada no município de Jaboatão dos Guararapes, no estado de Pernambuco.

O meu campo de trabalho e pesquisa vem sendo os recreios no pátio e a atividade do educador salesiano como animador, capaz de despertar no educando através de uma proposta lúdica³, uma sensibilidade para valores universais, para uma liberdade de espírito, uma criticidade e uma criatividade salvífica.

Ao invés do termo “*recreação*”, proponho aqui: “*Lazer criativo*”⁴ que pelas fontes pesquisadas por mim, é pertinente a uma escola Salesiana que tem disponível toda uma infraestrutura física e humana (ambiente educativo) capaz de formar as subjetividades das crianças através da ludicidade espontânea e criativa, que brota da vida e do campo imaginário de cada uma delas.

Este vem a ser, um trabalho significativo, brotado das experiências e vivências diárias que me “*acordaram*” e me fizeram abrir os olhos, para o que muitas vezes não me foi perceptível e que somente as crianças são capazes de enxergar e trazer a tona para o mundo dos “*mortos*”.

O lazer criativo que venho propor como ferramenta educativa, é a mesma cunhada por *Dom Bosco*⁵, que aqui na qual se destaca uma recreação alegre, aberta, cheia de vida e até mesmo barulhenta, e o seu ponto alto é a participação no jogo e na brincadeira do próprio educador.

O jogo e a brincadeira passa a ser no Sistema Preventivo de Dom Bosco, uma expressão de liberdade, um convite à amizade, à valorização da pessoa. Através dos jogos e das brincadeiras, colocamos em evidência a criatividade e a fantasia que habita em nós.

³ A atividade Propositiva, é o marco de todo educador salesiano.

⁴ Pedagogia da Animação

⁵ Pai e mestre da juventude, Santo católico que repensou de forma ousada uma proposta educativa baseada nas atividades esportivas e lúdica. Ele também é fundador da congregação salesiana.

*“A criança que não joga não é um menino, o adulto que não joga perdeu para sempre o menino que mora dentro dele”*⁶

O primeiro papel do educador, é o de conhecer o educando: as suas necessidades, fragilidades e a sua história, para em seguida poder guiá-lo com avisos e orientações que o levem a pensar. O pátio para Dom Bosco é um grande espaço e lugar de diálogo de excepcional valor.

Todo educador deveria conhecer pessoalmente, profundamente, moralmente e também espiritualmente o educando. Este é o seu primeiro dever como profissional. (MBV, P. 367)

O cotidiano no ambiente, com uma alegria vivaz, aberta e até barulhenta e compartilhada pelo educador, é o lugar mais apropriado para um oportuno trabalho de pesquisa. Assim nasce o dever *“profissional”* de passar no meio dos jovens todo o tempo da recreação. E se por acaso em alguma escola Salesiana não houvesse momentos recreativos, o próprio educador deveria criá-los. Pois é através destes momentos de *lazer dirigido*⁷, onde os educandos tornam-se como *“livros abertos”*, podendo serem lidos, página por página. E sem perceberem que estão sendo observados. Era no pátio onde Dom Bosco exercia a sua atividade educativa.

*“No limiar do labirinto, a criança não manifesta medo, pelo contrário, o desejo de exploração predomina como se soubesse, confusamente que só poderá se encontrar se ousar perder-se”*⁸

DOM BOSCO, O SISTEMA PREVENTIVO E O JOGO

No tempo de Dom Bosco, começou a chegar também em Turim, a revolução industrial. Nascia, assim, *“uma nova figura no campo do trabalho: o menino, operário aos oito anos (...) Os meninos, os jovens operários eram empregados como adultos por treze ou quatorze horas de trabalho ao dia, durante sete dias da semana”*⁹.

Dom Bosco começou por defender aqueles jovens aprendizes com contratos de trabalho. Um desses contratos, realizado em 1851, chegou até os dias de hoje. Daí, passamos a compreender, como Dom Bosco, numa época de exploração generalizada, proclamava e sustentava o direito a períodos de merecido repouso para os jovens operários.

⁶ Neruda, Pablo

⁷ lazer criativo – atividade criativa, recreativa e propositiva.

⁸ Gagnebin, Jean Marie

⁹ CASTELLANI, A , *Il beato Leonardo Murialdo*, vol. II, Roma, Libreria Editrice Murialdo, 1968, p. 519.

“*O homem nasceu para trabalhar*”¹⁰, mas o menino nasceu também para brincar. O jogo, para eles, passa a ser uma necessidade e um direito.

Parece-nos evidente que o jogo é um direito. Para Dom Bosco, no entanto, o jogo é ainda algo mais: ele é o meio mais fácil e seguro para poder educar os jovens. Isso é possível somente com a condição de que *o educador participe de seus divertimentos*.

Já em 1849, quando o Oratório de *Valdocco* estava dando os primeiros passos, uma importante revista daquela época sobre educação escrevia que Dom Bosco recolhia de 400 a 500 rapazes em média, para mantê-los longe dos perigos e para instruí-los. “*E isto ele consegue através de agradáveis e sadias recreações (...). Dom Bosco não descuida a educação física, deixando que no pátio, situado ao lado do Oratório, fechado todo ao redor, e os meninos cresciam reforçando o vigor do corpo através de exercícios de ginástica, ou divertindo-se com as muletas ou nos balanços, com as chapinhas ou com jogos de bilhar*¹¹”.

Pode-se logo perceber que o jogo é considerado parte essencial do modo de educar de Dom Bosco. Já em 1849, no jornal “*Harmonia*” notava outra característica do método: a participação do educador nos jogos. “*No meio deles encontrava-se sempre Dom Bosco (...), mestre, companheiro e amigo*¹²”.

Dom Bosco, no seu século, esteve entre os primeiros a introduzir a “*atividade física*” como elemento indispensável no processo educativo. Já o historiador salesiano *Eugênio Ceria* vê em Dom Bosco o inventor de um método original de educação com o jogo e durante o jogo. Para ele, as características mais em evidência no método são duas: *a primeira é a “extraordinária animação”*.

“*Ele dava preferência aos brinquedos que exigiam agilidade da pessoa. Era um espetáculo a recreação do Oratório. Uma turma de jovens a correr, pular, fazer barulho, divididos em grupos, de acordo com a variedade dos jogos*”.

A segunda característica é a participação ativa na “*Vida do Pátio*”¹³ por parte de todos os

¹⁰ BRAIDO, P., S. *Giov. Bosco, Scritti sul Sistema Preventivo nell' educazione della gioventù*, Brescia, La Scuola, 1968, p. 519.

¹¹ “*Giornale della società d' istruzione e d' Educazione*” 1 (1849), luglio, p. 459-460. O articulista é Casimiro Danna (1806-1884). Foi regente da primeira cadeira de Pedagogia na Universidade de Turim, em 1845 e depois assumiu a cadeira de Instituição de Belas Letras.

¹² MB III, p. 510-513.

¹³ A expressão “Vida do pátio” foi criada por Alberto Caviglia, o primeiro estudioso que tentou uma ampla síntese do pensamento pedagógico de Dom Bosco. A “Vida do Pátio” deve ser entendida em sentido amplo, pois inclui passeios, encontros espontâneos pelas estradas e nos vários ambientes, as reuniões alegres e descontraídas. Enfim, tudo aquilo que não é determinado pelo regulamento e que não depende da administração ordinária¹³. Deve-se incluir, portanto, o teatro, o canto

educadores que a animavam, inclusive Dom Bosco.

“Eles estavam à frente das atividades esportivas, como verdadeiros amigos dos jovens e, com eles, participavam dos desafios. Divertindo-se dessa maneira com os alunos, longe de se rebaixarem, os superiores conquistavam sua confiança¹⁴”.

Por “*Vida do pátio*” Dom Bosco não entendia nem a ginástica, concebida como aula que exige atenção e trabalho, nem o esforço cansativo, e sim, um *divertir-se* com jogos, livre de qualquer preocupação exagerada. Do mesmo parecer era o professor *Allievo*, docente de pedagogia naquela época. Assim escreve ele: “*A natureza ensinou, ela mesma, ao menino a livre e salutar ginástica de seus membros e essa ginástica não deve ser estragada pelo excesso de normas que controlam a sua prática¹⁵”.*

Em *Valdocco*, a “*Vida do Pátio*” compreendia dois tipos de recreação que se complementavam mas que se fundiam num único projeto. Um primeiro tipo de recreio que o mesmo Dom Bosco define “*todo vida, todo movimento, todo alegria¹⁶”*: o recreio de quem corre, de quem pula, de quem faz pular. É uma recreação com divertimentos *lúdico-motores*, ao ar livre, “*com muito movimento*”. Este tipo de recreação é o que mais se sobressai e o mais comum. “*Quem nunca viu, dificilmente pode imaginar o barulho, a ingênua despreocupação, os jogos e a alegria daquelas recreações. O pátio era percorrido, palmo a palmo, nas corridas desenfreadas¹⁷”.*

Um segundo tipo de recreação é feito com jogos de pouco movimento e que se realiza, geralmente, passeando¹⁸. Consiste em jogos de sociedade, diálogos alegres e divertidos, intervenções inteligentes, explicações escolares ou de interesse cultural, contos e também pensamentos espirituais.

e a música, entendidos, porém, não como aula e sim como recreio, isto é, diversão livre e criativa, e, por fim, também as grandes “festas” com sua coreografia, semelhantes às competições esportivas.

¹⁴ CERIA, E., *L' ambiente educativo dell' oratorio nel tempo del Savio*, em AA.VV., *D. Savio, Studi e conferenze in occasione della sua beatificazione*, Torino, SEI, 1950, p. 60.

¹⁵ RICALDONE, Pietro, *Dom Bosco Educatore*, vol. II, Colle Don Bosco, (Asti), LDC, 1952, p. 131.

¹⁶ BOSCO, G., *Due Lettere da Roma*, em SP, p. 291.

¹⁷ MB VI, P. 400-401.

¹⁸ No pátio não havia bancos (MB VII, p. 50). E, em geral, eram proibidos os jogos sedentários. Às vezes, porém, o próprio Dom Bosco se sentava com vários circos de jovem ao seu redor e os animava com jogos de prestígio, piadas, contos e cantos (MB IV, p. 292-293) e MB VI, p. 335 e 429.

No pátio, muitas vezes, se encontrava a banda. A “*vida do pátio*” era formada por uma enorme variedade de jogos. Os meninos tinham ampla liberdade para participarem desse ou daquele outro tipo de jogo, conforme suas necessidades ou os gostos do momento.

Para Dom Bosco, a recreação não tem como finalidade prejudicar, mas, recriar as forças, elevando o espírito.

Em seu pequeno tratado sobre o “*Sistema Preventivo*”, Dom Bosco, em síntese, define assim o seu método: “*Este sistema se apóia, todo ele, sobre a Razão, a Religião e sobre o Carinho (Amorevolezza)*”¹⁹. O Sistema Preventivo apela não para a pressão, mas para os recursos do coração, da inteligência e da sede de Deus que todo homem sente no profundo do seu ser. Razão, Religião e Carinho são fatores educativos.

Dom Bosco foi o santo católico que mais dedicou sua vida para esse trabalho divino de propiciar *lazer* sadio criando até uma *pedagogia do lazer* e dos desportos. Hoje, infelizmente, os esportes estão se transformando em objeto da indústria capitalista, que através deles fatura fortunas fabulosas, satisfazendo apenas uma pequena fatia da população mundial. O espectador passa a ser apenas um ser passivo.

Além do mais, a vida de pátio é essencial à vida da criança, do menino e do jovem. Educador é também jogador. Dom Bosco santificou-se santificando a atividade esportiva. E a ele, podemos afirmar com segurança, o fez com criatividade genial.

... AINDA SOBRE O JOGO!

Está ouvindo agora mesmo um passarinho cantando?

Se não está, faz-de-conta que está”

Clarice Lispector

PIAGET apud CARNEIRO (1995), faz a seguinte classificação de jogo:

- 1 - Jogo do exercício - inicia-se durante os primeiros meses de existência , a criança repete movimentos por puro prazer, sem qualquer outra finalidade.
- 2 - Jogo Simbólico - inicia-se durante o segundo ano de vida, implica na representação de um objeto, de um conflito, de um desejo que não foi realizado. É o jogo do faz-de-conta.
- 3 - Jogo com regras - inicia-se dos 4 aos 7 anos de idade e subsiste na idade adulta e desenvolve-se mesmo durante toda a vida (jogo social, esportes, jogos de cartas, etc.).

¹⁹ BOSCO, G., *Il Sistema Preventivo*, em SP, p. 193.

"As regras indicam que as coisas não estão prontas, acabadas, mas devem ser descobertas e os obstáculos vencidos, e isso estimula a investigação, a análise e o estabelecimento de relações" (CARNEIRO, 1995, pg. 59).

Segundo FREIRE (1989), a aquisição de uma nova forma de jogo - segundo o princípio de PIAGET - não exclui a outra, no jogo de regras, apesar de parecer uma atividade séria, ela não escapa a fantasias e "aos vãos da imaginação" e quanto à atividade sensório motora do jogo com regras, fica visível na própria atividade. Na nossa concepção e para esse trabalho, o jogo com regras fica evidenciado, como o de maior importância.

Toda criança brinca, toda criança joga; é sua característica a atividade motora intensa e o faz-de-conta constante. Essas frases são comuns à maioria dos livros que se referem à criança e ao seu comportamento. *Mas será que a escola utiliza-se desses recursos?*

A CRIANÇA E A SUA CULTURA LÚDICA

A proposta de um novo jogo a ser jogado na escola, deva começar pela observação e pelo entendimento de quem está melhor habilitado para o jogo... A criança.

Em minha pesquisa de campo na Escola Salesiana da colônia, pude perceber a necessidade de desenvolver nas nossas crianças, capacidades expressivas, porque, além de permitir a libertação da sua criatividade (e conseqüentemente do seu sentido crítico), conduzirá, por outro lado, a estágios mais complexos de pensamento. Por isso, é absolutamente fundamental proporcionar-lhes experiências na pintura, na modelação, na música, na dança, na dramatização, etc. Experiências essas que não devem limitar-se, a fazer a criança seguir um conjunto de ações planejadas pelo educador mas também (e sobretudo) permitir-lhes fazer as suas próprias criações nas diversas formas de expressão.

As criações da criança, desde as mais simples às mais elaboradas, representam no fundo a sua vida interior e afetiva, e fazem-nas ultrapassar o seu universo próprio, construindo novos universos num processo de permanente continuidade e aperfeiçoamento.

O que aqui quero tratar, é da necessidade de uma *educação da sensibilidade* que é afinal o cerne da educação global do indivíduo, na medida em que representa uma forma de integração entre as diversas vertentes da vida humana: a física, a intelectual, a espiritual e a social isto é,

trata-se de ajudar a pessoa a conhecer a si própria e a relacionar-se com a sua personalidade para que possa, então, partir para a descoberta do mundo exterior. E o jogo e a recreação podem contribuir para isto. Inventar uma história, fazer música, fazer um desenho ou outro produto expressivo qualquer e analisá-lo em termos críticos são formas de estimular a sensibilidade da criança ou do adolescente, contribuindo para a integração da sua existência interior e para a construção psicológica da sua personalidade.

E é, em torno desta estrutura, que irão funcionar todas as outras atividades mentais. Ignorar este fato, e orientar os alunos para a aprendizagem exclusiva da leitura, da escrita, do cálculo e das aptidões profissionais é amputar-lhes grande parte da sua sensibilidade o que não é menos nefasto que lhes amputar um braço ou uma perna.

A escola hoje, vem na maioria das vezes, considerando-se, a única detentora do saber e trata o aluno como um recipiente vazio onde esse conhecimento é depositado.²⁰

Em nossa opinião, levar as pessoas à autonomia deveria ser uma das principais metas da educação, e o jogo apareceria, então, como um dos mais apropriados meios para se conduzir a essa *autonomia*, pois através dele é possível formar sujeitos capazes de cooperar, de questionar, criticar e transformar.

Inicialmente, *Benjamin*²¹ lembra que as crianças são bem diferentes do modo como os adultos às concebem ou as conceberam ao longo da história. A noção de infância que herdamos de épocas anteriores e que são preservadas ou aprofundadas pela pedagogia não cabe à realidade infantil: a *“criança exige dos adultos explicações claras e inteligíveis, mas não explicações infantis... A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas”*.²²

Benjamin acentua que *“as cores na vida da criança são a pura expressão da sua pura sensibilidade,”* meio pelo qual ela própria se orienta no mundo. As cores contém o ensinamento de uma vida espiritual que é criadora na medida que os condicionamentos e as causas menos as habitem.²³

As possibilidades de uma nova experiência estão, basicamente, na narrativa, na arte e na vida infantil: do mesmo modo como o narrador, ao contar estórias, transporta o leitor para um

²⁰ Tipo de educação já citada por Paulo Freire, Educação Bancária.

²¹ Walter Benjamin – Filósofo, crítico literário e um dos grandes pensadores da teoria Crítica.

²² BENJAMIN, W., Livros infantis antigos e esquecidos. In: *Obras Escolhidas I*, p. 236-237.

²³ BENJAMIN, W., Die Farbe vom Kinde aus betrachtet. GS. VI, p. 111.

tempo em que “o homem podia acreditar-se em sintonia com a natureza e” acreditar que “os planetas nas alturas do céu ainda se preocupavam com o destino dos homens”,²⁴ o artista questiona o sentido dado das coisas no contexto da produção moderna e confere ao objeto um novo significado no âmbito do seu trabalho; a criança, nas brincadeiras, evidencia afinidades e supera antinomias ao fazer-se igual à matéria que a circunda para criar seu próprio mundo no qual os objetos ganham vida e sentido.

A variedade do colorido do desenho infantil e o modo peculiar de apreender as cores em sua transparência é expressão do modo infantil de ver o mundo e romper limites, assim como os jogos são mecanismos de conhecimento concreto do mundo por meio da *mímesis*. As brincadeiras, em suas mais variadas modalidades, manifestam a importância da *mímesis* na apropriação do mundo.

A criança que brinca cria com seus brinquedos e estes são “tanto mais verdadeiros quanto menos dizem aos adultos”, isto é, quanto mais atraentes e sofisticados, mais perdem o caráter de instrumentos de brincar; quanto mais imitam o mundo adulto, “mais longe estão da brincadeira viva”. A “imitação está em seu elemento na brincadeira e não no brinquedo”, ou seja, imitar não é reproduzir, mas identificar-se para compreender: a “criança quer puxar alguma coisa e se transforma em cavalo, quer brincar com areia e se transforma em pedreiro, quer se esconder e se transforma em bandido ou policial”,²⁵ quando não se transforma em “moinho de vento e trem”, imitando não só as pessoas, mas todas as coisas.²⁶

*“Em nosso jardim havia um pavilhão abandonado e carcomido. Gostava dele por causa de suas janelas coloridas. Quando, em seu interior, passava a mão de um vidro a outro, ia me transformando. Tinha-me de acordo com a paisagem na janela... Acontecia o mesmo com minhas aquarelas, onde as coisas me abriam seu regaço tão logo as tocava com uma nuvem úmida. Coisa semelhante se dava com as bolhas de sabão. Viajava dentro delas por todo o recinto e misturava-me ao jogo de cores de suas cúpulas até que se rompessem. Perdia-me nas cores, fosse no céu, numa jóia, num livro. De todo modo, as crianças são sempre presas suas”.*²⁷

²⁴ BENJAMIN, W., O narrador, p. 266.

²⁵ Idem, p. 247.

²⁶ BENJAMIN, W., A doutrina das semelhanças, p. 108.

²⁷ BENJAMIN, W., Infância em Berlim por volta de 1900. In: _____. Obras Escolhidas II,... p. 101.

As cores são o meio de identificação com as coisas e de integração na mudança e no movimento da fantasia que percebe e participa do *inacabamento* das coisas fazendo-se. Perder-se nas cores é uma forma de perceber correspondências e de habitar o mundo sem a preocupação de definir ou respeitar limites.

A criança se entrega à magia e ao encantamento que envolvem a brincadeira: “*quando ela faz caretas e dizem-lhe que basta o relógio bater e ela terá de permanecer assim*”, expressa a mesma magia e verdade que “*ela sabe no esconderijo: quem a descobre pode fazê-la enrijecer como ídolo debaixo da mesa, entretecê-la para sempre como fantasma no pano da cortina, encantá-la pela vida inteira dentro da pesada porta*”. Por isso, ela espera ansiosa ser descoberta e, “*com um grito alto ela faz partir o demônio que a transformaria assim*”, antecipando o momento da descoberta “*com um grito de autolibertação*”.²⁸

“mesmo na sua forma mais rígida conservam até o fim alguns resíduos da brincadeira”.

Walter Benjamin

O LAZER COMO ESPAÇO RECREATIVO, EDUCATIVO E EMANCIPATÓRIO

“Verdadeiramente revolucionário é o efeito do sinal secreto do vindouro, o qual fala pelo gesto infantil”

Walter Benjamin

...ESTAMOS EM CRISE?

Infelizmente, com o crescimento numérico das obras e a diminuição numérica dos salesianos, a estrutura edilícia que ocupa a maior parte da área escolar, o currículo bem carregado constituem hoje um desafio, senão o maior desafio de usar o pátio como lócus educativo. O tempo reduziu-se a uma miserável meia hora, no máximo, que é aproveitada para realizar uma série de atividades, e às pressas, como lanchar, conversar com os colegas de aula e amigos, atividades higiênicas e outras. Poucos professores aparecem no meio dos alunos, porque a legislação contempla, entre outros, também como pausa de descanso. Essas e outras deficiências prejudicam a qualidade da educação que desejamos oferecer aos nossos alunos e destinatários.

A escola contemporânea renega praticamente toda um filosofia valorativa da atividade desportiva escolar, fornecida pela modernidade, como meio importante de educação. A escola

²⁸ BENJAMIN, W., Criança escondida. In: Rua de Mão Única, p. 39-40.

tornou-se excessivamente pesada, estressante e desagradável, interferindo negativamente na qualidade educativa, esquecendo o pátio como lugar de recreio e de recreação (*re-creio*) do espírito. Também ele está se tornando um local de insatisfação e de violência. Os professores e alunos precisam estar sempre juntos para que o ensino e a educação não sofram descontinuidade no contato entre eles. A escola tem de ser uma “*communitas magistrorum et alumnorum*” (comunidade de professores e alunos), como diziam e praticavam os medievais. Dom Bosco queria mais: que a escola fosse uma família. Na família se preza a união, a comunhão, a solidariedade, a partilha, o amor, o diálogo fraterno e contínuo entre os membros, o que infelizmente não acontece em sala de aula, um lugar onde infelizmente predomina a formalidade nos relacionamentos.

No Brasil, onde as escolas públicas, na quase sua totalidade, funcionam no máximo durante quatro horas, as atividades escolares se reduzem quase sempre ao ensino das disciplinas da grade curricular. A participação em atividades culturais, jogos, brincadeiras e esportes se reduzem praticamente a zero. As escolas desse tipo carecem de atrativos estimulantes ao ensino-aprendizagem. Talvez seja esse um dos fatores produtores da baixa qualidade do ensino brasileiro.

O que quis com este trabalho, era propor uma inter-relação entre o Lazer, a escola e o processo educativo. E também com base no sistema preventivo de Dom Bosco - *uma nova pedagogia*, considerando as possibilidades do lazer como canal viável de atuação no plano cultural de modo integrado com a escola.

Como Dom Bosco, *falo do jogo colocando-me em jogo*. Infelizmente ainda fazemos parte de uma sociedade que nega e esquece o jogo, o brinquedo e o lazer como expressão.

A minha proposta de reflexão aqui, é de vermos a educação como um brinquedo, “*uma brincadeira*”, jogando este jogo possamos formar crianças capazes de não apenas desejarem, mas de construírem “*de verdade*” livros-brinquedo e de redescobrirem o mundo como brinquedo.

Nesta experiência como educador, percebi alguns fenômenos um pouco chocantes em relação ao processo educativo vigente. Constatei que alguns alunos de determinadas turmas tinham sempre determinadas manifestações, que eu as denominei de “*Fobias*” à Escola.

Na verdade eram corpos obrigados a rotinas estafantes, mesmo que as tarefas ou a carga de obrigações sejam leves, falta de sentido, desvinculação com a cultura vivida, desgaste,

podendo levar até a somatização. Os sintomas mais comuns eram dores no estomago, dores de cabeça e irritações na garganta.

São sintomas de um confronto, de um enfrentamento entre o mundo da responsabilidade e a experiência lúdica da criança. É o choque da obrigação escolar.

Não podemos adaptar a criança a um mundo já dado, pronto e estabelecido. É preciso que as crianças se tornem aptas a optar pelas suas perspectivas de vida, não se adaptando pura e simplesmente, a “*estreiteza*” de horizontes já dada. Penso que a escola possa contribuir na construção criativa de uma nova ordem social. Seria uma proposta de *esperança/preparação* para um horizonte próximo, que anuncia sempre novos horizontes.

É necessário enfatizar a importância do respeito à cultura da criança, anterior à atividade escolar, não significando a negação do valor da escolarização, mas a necessidade de transformação da Escola, a partir dos fundamentos de sua ação, orientando-a para uma nova filosofia.

Infelizmente os valores vem sendo impostos nas escolas, apresenta-se uma lógica que dá como certos os valores dos adultos, sem a possibilidade de discussão. As crianças são fracas. Não tem meios de se defenderem das ações do poder.

Percebo nas escolas que há processos chamados de socialização e educação, que são programas pelos quais impomos a nossa realidade aos mais fracos – *quer dizer, às crianças* - através de um sutil processo de lavagem cerebral ou de um, nem tão sutil exercício de coerção física e psicológica. É assim que elas se tornam adultas.

A escola infelizmente vem contribuindo para a manutenção dessa situação domesticadora, contribuindo para um entorpecimento levando-os a um não acordar.

Devemos pensar em uma escola que possibilite estímulos variados, baseados na valorização da experiência lúdica, contribuindo para que o corpo venha a se rebelar.

Tenho medo de que a escola hoje esteja contribuindo para a formação de “*bonecos*” incapazes de dizer sua própria palavra. As crianças deixariam de serem atores com “*alma*” própria e passam a ser “*animados*” como marionetes, ou manipulados por ventríloquos, que falam por elas, fingindo que o som saem de suas bocas. E isso do primário à universidade.

É esta a proposta da minha reflexão: repensarmos o que nós educadores estamos fazendo com os nossos alunos, e principalmente quando estes educadores são de obras e colégios

Salesianos. Nunca devemos perder de vista esta grande ferramenta educativa que são os momentos livres em que se encontram os nossos educandos.

O *lazer criativo* (recreação dirigida) para ser realmente uma atividade educativa de crescimento tanto para a criança quanto para o educador, é necessário que a presença deste educador seja uma presença, de um amigo que se interessa e que ama, esta *presença* é chamada de “*assistência*”. Um termo técnico que indica um típico modo de presença contínua do educador. Uma presença que é relação pessoal²⁹ e que deve tornar-se *convivência amorosa* e operante.³⁰

UM PONTO CHAVE DA PEDAGOGIA SALESIANA: A CONVIVÊNCIA

Para que a escola possa contribuir para recuperar e conviver com o lúdico, é necessário, antes de tudo, que se saiba quem se está educando...

A tradição salesiana chama a convivência de Assistência-presença. Sem a convivência não há conhecimento nem amor. Quem ama quer está sempre ao lado da pessoa amada. O amor é o centro da nossa prática educativa salesiana, e sabemos então que “a educação é obra do coração”. Dom Bosco nos ensinava que não basta amar, mas é necessário que o garoto sinta-se amado. Como vai o aluno sentir-se amado sem a convivência?

Para termos uma boa convivência com os nossos reais destinatários devemos ser abertos, próximos e amigos. Deveríamos estar ao alcance de todos sem mediações e nem burocracias. Os educadores salesianos devem estar disponíveis aos jovens e as crianças e não reclusos em gabinetes e salas de portas fechadas. O salesiano deve estar pronto a dar o primeiro passo da acolhida e da escuta. Dom Bosco prezava por esta aproximação, por esta “*vizinhança*”, por uma familiaridade partilhada.

Um educador em nossas obras que se dispõe ao trabalho educativo com os jovens e as crianças, deve ter por inclinação e dom estas aptidões. Os educadores salesianos, deveriam ser mais próximos dos seus reais destinatários, alicerçados na causa maior do seu chamado de discípulo e educador.

²⁹ DHO, G., *L'assistenza come presenza e relazione personale*, em AA.VV., *Il sistema educativo di don Bosco tra pedagogia antica e nuova*, Leumann (TO), LDC, 1974, p. 104-125.

³⁰ VALENTINI, E., *L'assistenza salesiana*, Torino, SEI, 1968, p. 4.

A ASSISTENCIA SALESIANA: PRESENÇA NO PÁTIO, NA RECREAÇÃO E NA VIDA

O educador salesiano é uma pessoa que ama aquilo que agrada aos jovens, mas, ao mesmo tempo, orienta para que eles também possam amar aquilo de que ele gosta³¹. A palavra “*assistência*”, hoje, poderíamos traduzi-la por “*animação*”. O conteúdo da palavra “*animação*” implica um modo de participar e de intervir. O educador do Sistema Preventivo se encontra no pátio para ser o animador dos jogos. Ele não é alguém que observa de longe.

Ele não é o “chefe”. É, ao contrário, o “*fermento*” da recreação. O educador não pode abandonar o educando à mercê das forças desordenadas do ambiente em que vive, ainda que ele tenha sempre que se confrontar com este ambiente³². O educador “*dá ao educando ampla liberdade de pular, correr, gritar à vontade*”³³ procurando sempre acompanhá-lo”. Inclusive no “*pátio*” deve valer aquele princípio que recomenda colocar o educando “*na moral impossibilidade de cometer faltas*”³⁴.

A presença contínua é, com efeito; a norma fundamental da assistência³⁵. Poderia até parecer que o educador devesse ficar sempre no pátio, com a finalidade de coibir e bloquear o educando. Muito pelo contrário. Ele está aí para animar. Poder-se-ia ainda pensar numa hipocrisia crônica do educando, devido à presença constante do educador. O jovem, pelo contrário, vive a sua vida livremente, como se aí não estivesse presente o educador.

O educador, além disso, deve ter a convicção de que os “meninos cometem faltas mais por excesso de vivacidade do que por malícia³⁶, mais por não serem bem assistidos do que por maldade”. Para prevenir as faltas, “sem dar aparência” de fazê-lo, o educador dispõe de dois meios: fazer de tal modo que todos possam tomar parte na recreação³⁷, praticando algum tipo de jogo e também interferência para corrigir o educando com algum aviso, dado de maneira amigável”³⁸.

³¹ BRAIDO, Pietro, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, Zürich, PAS-Verlag, 1964, p. 404.

³² SECCO, L., *La dinamica umana della realtà educativa*, Brescia, La Scuola, 1978, p. 69ss.

³³ BOSCO, G., *Il sistema preventivo*, em SP, p. 195.

³⁴ BOSCO, G., *op. cit.*, p.193.

³⁵ No livro BOUQUIER, H., *Don Bosco educateur*, Paris, Tequi, 1950, o autor dedica um capítulo inteiro à assistência e a define como lei fundamental do Sistema Preventivo.

³⁶ MB IV, p. 553.

³⁷ BRAIDO, Pietro (organização de). S. Giov. Bosco, *Scritti sul sistema preventivo nell' educazione della gioventù*, Brescia, La Scuola, 1965, p. 376.

³⁸ BOSCO, G., *Il Sistema Preventivo*, em SP, p. 193.

É papel do educador animar os jogos, condição para prevenir eficazmente as faltas. Chegando ao pátio, introduzir-se entre os educandos para participar dos jogos. Enquanto joga, porém, deve ter a consciência de que está realizando um trabalho educativo. Ele deve não apenas animar o jogo do seu time, mas também não perder nunca de vista os demais que estão no pátio³⁹.

Esta proposta de atividade e postura que o educador salesiano assumi, não contribui de forma alguma à evasão do real e nem contribui para uma possível alienação. Eu creio que o “*jogo do saber*”⁴⁰, praticado com características lúdicas e recreativas, passam a ser uma alternativa para a denúncia da realidade, tal como se apresenta, e assim sendo a escola longe de ser encarada como espaço de alienação, poderia ser vista como um dos espaços de resistência.

Venho propor, uma prática pedagógica que relacione a necessidade de trabalhar para a mudança do futuro, através da ação no presente, e a necessidade de vivenciar todo o processo de mudança, sem abrir mão do prazer. O que é necessário valorizar, uma escola como centro de cultura e da sala de aula como ponto de encontro e encontro humano.

CONCLUINDO: ... UMA PROPOSTA REDENTORA EM TEMPOS DE RUINA.

Recuperar a alma é sair deste abismo de alienação em que nos encontramos, percebendo assim o nosso direito ao prazer.
Rubem Alves

Tanto a poesia quanto o brinquedo tornam-se manifestações da utopia de um mundo melhor a ser construído. E as crianças estão nesta luta de ruptura. Elas são as que saem perdendo neste jogo. Infelizmente, não existe nenhum respeito em relação ao universo infantil, ao mundo da criança, e o adulto com sua “*experiência*” passa com seu trator, destruindo os castelos de sonhos, e todas as suas fantasias são colocadas em xeque, destronando a possibilidade, de que as crianças possam um dia serem *senhoras de si*, e por fim, elas vem sendo transformadas em súditos (escravos) de um sistema castrador.

³⁹ Dom Bosco era o primeiro nos jogos, a alma do recreio. Com a presença e com o olhar se encontrava em todos os cantos do pátio, no meio de cada grupo de jovens, participando de todos os divertimentos. Numa partida começava a contenda, e Dom Bosco a dizer a quem interessava: - Vá àquele outro grupo em que falta um jogador, eu o substituo -. E jogava de palitos, bochas, etc., com aplausos daqueles que ficavam felizes de ter Dom Bosco por companheiro. Quando, portanto, em outro jogo aparecia alguém que usava modos e palavras inconvenientes: - Você! Venha ocupar meu lugar, eu o substituo – E fazia a substituição. Assim passava de um ponto a outro do pátio, sempre ostentando a pose de hábil jogador, o que lhe exigia sacrifício e cansaço contínuo” (MB III, p. 126).

⁴⁰ Termo usado por Nelson C. Marcellino em seu livro: *Pedagogia da animação*. P. 97

As atividades e as brincadeiras cotidianas mostram a presença marcante da televisão, determinando o conteúdo das conversas e modelando o imaginário da criança em uma dada direção. A televisão teve grande responsabilidade pelo enorme empobrecimento das faculdades intelectuais e morais da sociedade.

Os meios de informação, liderados principalmente pela televisão, diz Pasolini: organizaram um trabalho de padronização destruidora de qualquer autenticidade. (PASOLINI, 86). É necessário o surgimento de uma nova ética do olhar sobre as coisas do mundo moderno, rompendo definitivamente com o confinamento da espécie humana a um mundo repetitivo e banalizado. “*Antes os pássaros cantavam e as pessoas saíam do livro*⁴¹”, permitindo assim, as próprias crianças penetrarem nas coisas durante o contemplar da história. A criança diante da história, do conto, da narrativa e da brincadeira, coloca em prática a sua arte, vencendo a parede ilusória da superfície e adentra nos bastidores tomando posse do palco, onde ela mesma vive. Vive a história.

É necessário que nós educadores recuperemos a alma infantil através de nossa atividade educativa. É através do lazer e das atividades lúdicas que podemos possibilitar uma saída deste abismo de alienação em que nos encontramos, percebendo assim o nosso direito ao prazer (lazer).

O tempo livre é uma fonte, muitas vezes desconhecida de aprendizagem. Deve-se haver um certo equilíbrio entre a aprendizagem através do trabalho escolar e a autoformação do tempo livre.

A proposta do lazer, da recreação e da atividade lúdica nas escolas, vem a ser como diz o educador Rubem Alves, que é como levá-los a uma “*atração por um outro mundo*”... Mundo diferente, mundo melhor, de sonho e invenção, de uma sociedade mais justa, de um ser mais humano.

A começar na infância, uma vez que para o desenvolvimento de uma cultura da criança é extremamente necessário a disponibilidade do espaço, isto é fundamental. Há nos tempos atuais e é percebido na escola também, uma crescente e negativa diminuição das ocasiões de reunião das crianças, isto é, das brincadeiras coletivas, tão importantes no aprendizado da vida em grupo e no desenvolvimento do sentimento comunitário. Isto infelizmente os currículos e as propostas educacionais atuais em algumas escolas não contemplam.

⁴¹ Visão do livro infantil, 69

Eu vejo a escola na verdade como um centro de cultura popular – percebo que é necessário uma “*dessacralização*” do que entendemos de escola. Raramente a atividade lúdica é considerada pela escola, e quando isso ocorre, as propostas são tão carregadas pelo adjetivo “*educativo*”, que perdem as possibilidades de realização do brinqueado, da alegria e da espontaneidade, da festa. O lúdico vem sendo negado à infância.

Em uma análise dos direitos da criança, foi considerada a importância específica de assegurá-la o direito de sonhar. É negativo e terrivelmente prejudicial, à criança não lhe dar o direito de acreditar que o impossível pode fazer-se possível.

Exigir que a criança acredite apenas no possível é uma forma de esterilizar sua inteligência... E de impedir que ela tenha fé.

*“É preciso que ao intervir, o adulto respeite os direitos da criança. Deixe por exemplo, que elas
lhe ensinem sonhos”*

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: Sobre a criança, o brinquedo, e a educação.* São Paulo: Espírito Critico Ed. 34, 2004.

_____. *Rua de mão única,* Obras escolhidas II, SP, Ed. Brasiliense, 1993.

_____. *Magia e técnica, arte e política,* Obras Escolhidas I, São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985.

BRAIDO, Pietro. *Prevenir, não reprimir.* São Paulo, Ed. Salesiana. 1985

_____. *il sistema educativo di Don Bosco. Scritti e testimonianze.* Turim, SEI, 1962 (1 a ed. 1955).

----- *San Giovanni Bosco. Scritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù.*

BOSCO, G. *Epistolario.* in voll. 4: 1 ° vol. de 1835 a 1868 (1955. p. XII-624); 2° vol. de 1869 a 1875 (1956. p. IV-556); 3° vol. de 1876 a 1880 (1958, p. IV-671); 4° vol. de 1881 a 1888 (1959. pp. VI-647); organização de Eugenio CERIA . Turim. SEI. 1955-1959.

----- *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco.* Novamente publicado e revistos segundo as edições originais e manuscritos supérstites, organizados da Pia Sociedade Salesiana, 6 volumes em tomos comentados por Alberto CAVIGLIA. Turim, SEI, 1929-1965.

----- (organização de E. Caria). *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales dal 1815 al 1855.* Turim, SEI, 1946.

CERIA, E. *Don Bosco con Dio,* Turim, SEI, 1929: reimpressão.: 1930-1938: Colle Oon Bosco (Astí), LDC. 1952: Roma. SDB, 1960. ,

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin,* São Paulo, Ed. Perspectiva, 1999

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. São Paulo: Ed. Perspectiva S. A., 1996

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*, 8ª ed., Campinas, Papirus, 2001.

_____. *Pedagogia da animação*, 3ª ed., Campinas, Papirus, 2001.

MACHADO, Marina Marcondes. *A poética do Brincar*. São Paulo. Ed. Loyola, 1998

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2005

LE:MOYNE, G. B. - AMADEI, A. - CERIA, E. - FOGLIO, E. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*. Tip. San Benigno Canavese, (vol. I-VI. 1898-1907); Turim, Libreria Salesiana SAIO (vol. VII - IX, 1909-1917); Turim, SEI (vol. XX. 1939-1948). Lemoyne vol. I-IX; Amadei vol. X; Ceria vol. XI-XIX; Foglio vol. XX (Indice).

PERINI, João Carlos. *Dom Bosco e os jogos*. (no prelo)